

EDITORIAL DO DOSSIÊ

(...) sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?

Clarice Lispector

é preciso matar o monstro

até me tornar um deles

Prisca Agostoni

Os monstros estão presentes em toda parte, seja nas narrativas da antiguidade – de todas as coordenadas geográficas –, seja no mundo contemporâneo, nas artes, na propaganda ou na retórica dos debates políticos por exemplo. Entretanto, contígua ao seu insistente comparecimento permanece a pergunta: o que é o monstro? Há muitas maneiras de respondê-la, sem que nenhuma delas possa ser tomada como completamente satisfatória. Por seu próprio parentesco linguístico com a palavra “mostra”, é possível inferir que o monstro quer dar a ver algo. Medos. Desejos reprimidos. Ambivalências. Fronteiras. Os monstros são, ao fim e ao cabo, por mais que diversas taxonomias tenham sido realizadas, inclassificáveis, especialmente por seu caráter mutante, híbrido e liminar. Isso não quer dizer que não sejam admissíveis aproximações. Há muitos esforços, como os de Jeffrey J. Cohen, que compõem as linhas de força do que convencionou-se chamar de *monster theory*.

Esse conjunto de reflexões que compõe a teoria dos monstros, por sua vez, mantém franco diálogo com o ensaio de Freud, *Das Unheimliche*, de 1919, em que o psicanalista, baseado numa investigação, primeiro de ordem lexical do termo *heimlich* e, depois, pela via da “análise” do conto *O homem da areia* de E. T. A. Hoffman, sugere a proximidade e até mesmo a sobreposição do familiar e do infamiliar. O infamiliar seria, para Freud (2020, p. 45), “tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona”. Ou seja, Freud detecta uma espécie de cisão na constituição do sujeito, reconhecendo nesse reprimido que insiste em retornar – que, diga-se de passagem, é o substrato da vida anímica correspondente a um estágio infantil do desenvolvimento psíquico – o fato de que não somos tão iguais a nós mesmos, donos de nosso “eu”, isto é, indica que não coincidimos conosco e tampouco somos tão diversos daqueles que tomamos por estranhos/estrangeiros (Iannini; Tavares, 2020). Esse oculto que vem à tona traduz-se também não só no âmbito individual, mas coletivo como aparição dos monstros; eis o que dirá a *monster theory*.

Aqui, seria possível pensar num diálogo entre as duas epígrafes selecionadas. Quando a personagem de Clarice, em *A hora da estrela*, se questiona sobre o que é isso de ser uma pessoa, nos aproxima do reconhecimento do estranho que nos é íntimo. Todavia, os versos de Prisca Agostoni nos ajudam a considerar a própria ambivalência do monstro. Não há como escapar à monstruosidade, seja lá que sentido ela tenha. Os artigos que compõem o primeiro volume do dossier, *Monstros e monstruosidades nas expressões religiosas*, em parte representam os esforços oriundos de um projeto de pesquisa em torno à temática com recorte específico na religião que conta com financiamento da FAPESP (2023/04548-2), com coordenação de Paulo Nogueira, da PUC-Campinas. Outros artigos são incursões de investigadores que se sentiram desafiados a reler seus objetos, depois de terem tomado contato com as discussões concernentes à teoria dos monstros. Vale ressaltar que os textos

são frutos de discussões interdisciplinares feitas em rede internacional, com destaque para a Red Behemot de Investigación, que envolve pesquisadores/as do Brasil, Chile e Argentina. Destaca-se, outrossim, a diversidade de religiões e expressões artísticas abordadas em momentos históricos distintos.

Nesse sentido, é possível até dizer que, de algum modo, rastrear o monstruoso é dar forma à monstruosidade. O leitor se deparará, portanto, com reflexões acerca da literatura apocalíptica, da Bíblia Hebraica e do Novo Testamento, e poderá perceber como as teses sobre os monstros ajudam a desarmar hermenêuticas moralistas presas a binarismos. Poderá, igualmente, expandir e complexificar o contato com apócrifos como o *Testamento de Jó* e o *Apocalipse de Paulo* por meio do diálogo com a *monster theory*. Da mesma maneira, encontrará importantes incrementos para o pensamento decolonial nesse aporte teórico-metodológico e um potencial operador de leitura das religiões de matriz africana e, por surpreendente que pareça, de um clássico da literatura como *Moby Dick*.

Dada a pluralidade do dossiê, sugerimos que o leitor use de sua liberdade. A imagem que me vem ao topo da cabeça é a d'*O jogo da amarelinha*, de Júlio Cortázar. Como se sabe, num prólogo, o escritor argentino instruiu seus leitores quanto a caminhos distintos a seguir: um tradicional, do primeiro ao último capítulo de seu não-romance. Mas, facultou a oportunidade de outra trilha, com saltos para frente e para trás. Pois bem, cremos que o mesmo se aplica aqui. Há uma ordem sugerida pelo sumário, mas nada impede que os “saltos” para lá e para cá tornem a experiência com os monstros mais densa e rica.

Dr. Márcio Cappelli
professor PUC-Campinas